

CELSO MING

celso.ming@grupoestado.com.br



É o bonde passando

O Brasil está mesmo perdendo o bonde do desenvolvimento? Esta foi, em síntese, a advertência feita por editorial do dia 19 do *Financial Times*, um dos mais importantes diários de Economia e Negócios do mundo. Foi, também, o tema central do rico debate que foi ao ar neste fim de semana no *Globo News Painel*, conduzido pelo anfitrião William Waack.

Economista Luiz Gonzaga Belluzzo, do Instituto de Economia da Unicamp, observou que o governo brasileiro perdeu a capacidade de coordenar a agenda de crescimento e de investimentos do setor privado.

Para o professor Samuel Pessoa, da Fundação Getúlio Vargas, o problema está no fato de que, uma vez esgotado o modelo nacional desenvolvimentista, em que o Estado tomava a

inicativa de induzir o desenvolvimento, a sociedade decidiu se voltar à formação do Estado do bem-estar social. A prioridade deixou de ser o crescimento e passou a ser a distribuição de renda.

Este é um debate que começou no governo Médici, quando o então poderoso ministro da Fazenda Delfim Netto declarou, para espanto geral, que não se pode comer o bolo antes de produzi-lo. De maneira a justificar a não recondução de Delfim ao comando da economia, o então presidente Geisel disse nos anos 70 que o bolo tem de ser distribuído ao mesmo tempo que é produzido.

Hoje, a administração Dilma está exposta à corrosão. Não consegue entregar um razoável crescimento econômico, enfrenta inflação acima do tolerável e começa a assistir à deterioração das contas externas – como analisou o professor Eduardo Giannetti da Fonseca, do Insti-



PAULO GIANDALIA/ESTADÃO

Belluzzo. Perda de coordenação

tuto de Ensino e Pesquisa (Inspur).

Consequência da política adotada, de distribuir um bolo maior do que aquele que vai sendo produzido, na medida em que exige crescente importação de poupança, que vai para o consumo. Enquanto isso, o investimento continua parado, à altura dos 18% do PIB, nível de longe insuficiente para garantir um crescimento sustentável, de 3% ou 4% ao ano.

Samuel Pessoa tem razão quando afirma que, ao adotar um modelo distributivista, os governos Lula e Dilma desmontaram o pouco do sistema que buscava institucionalizar mecanismos (sobretudo pelas agências reguladoras) que transferissem para o setor privado a capacidade de investir e de desenvolver o País.

Nos anos 80, a economia mundial iniciou a formação de uma rede global de produção e suprimentos, na qual as indústrias de todo o mundo procuraram se inserir. Mas o Brasil não se empenhou em se incorporar no processo. Continua sendo uma economia fechada, com uma indústria pouco competitiva.

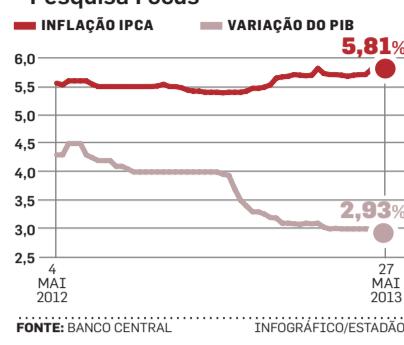
Enquanto isso, a presidente da República se mete em tudo e se dedica a desparchar intervenções pontuais destinadas a corrigir distorções que, no entanto, provocam novas, como é o caso das desonerações setoriais iniciadas em 2012.

Uma das maiores esperanças do País, as riquezas do pré-sal, que só podem ser arrancadas do subsolo a altos custos, estão agora ameaçadas pela revolução do gás nos Estados Unidos. É o fato novo, que promete energia e insumos a baixos preços, fator que ameaça alijar boa parte da indústria brasileira do mapa econômico mundial, se uma drástica mudança de rumos não for decidida já.

Quando havia bondes, quem perdia um esperava pelo seguinte. Como não há mais, tudo fica mais complicado.

CONFIRA

- Projeções do mercado para 2013 - Pesquisa Focus



A deterioração das expectativas sobre o comportamento da economia pode ser avaliada pela inclinação das duas curvas acima. São as projeções de alta da inflação e de redução do crescimento do PIB.

• Demora mesmo...

O presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda, disse ontem que precisou de sete dias para saber por que houve o pânico na liberação dos pagamentos do Bolsa Família. Coisas assim acontecem em estatais loteadas entre políticos. Imaginem o que aconteceria se um médico precisasse de sete dias para diagnosticar um enfarte.

CONSTRÓI INVESTÉ HABITA

Editorial econômico

Commodities em queda não são o maior problema

EX-LIBRIS



A queda das cotas de commodities tem peso relevante nas contas externas, em geral, mas não basta para explicar a deterioração abrupta do saldo comercial neste ano.

Nos últimos 12 meses, até abril, as exportações atingiram US\$ 239,4 bilhões e foram 7,67% inferiores às dos 12 meses anteriores, em valores nominais. No mesmo período, as importações alcançaram US\$ 229,4 bilhões e diminuíram apenas 0,75% em relação às dos 12 meses precedentes. A corrente de comércio (exportações mais importações) caiu 4,41%, ou US\$ 21,6 bilhões. Isso não apenas restringe o leque de abertura da economia, visível no comércio enfraquecido, mas ajuda a derrubar o Produto Interno Bruto (PIB).

O comércio externo tornou-se dependente do valor das commodities – e o agronegócio vem tendo muito peso no resultado da balança comercial há muitos anos.

É evidente o impacto da baixa das cotas de matérias-primas sobre as contas externas – em razão do enfraquecimento da economia mundial. Nos últimos 28 meses, até abril, o índice CRB, referência mundial de avaliação das cotas, caiu 12%, segundo a G.O. Associados. Entre 2011 e 2013, cederam os preços do minério de ferro, do café cru e do açúcar bruto, por exemplo. E houve oscilações negativas nos preços da soja nos últimos meses.

Mas o Brasil não fez a lição de casa na área das exportações nem parece admitir o quanto se agravaram os problemas. As exportações deste ano são estimadas pelo Banco Central em US\$ 264 bilhões. E nas projeções do boletim *Focus*, relativas às consultorias privadas, estão em US\$ 247,5 bilhões, reduzindo a menos de US\$ 8 bilhões a expectativa de saldo positivo no comércio.

Na década passada, beneficiado pelo vigor da economia global, o governo estimulou o consumo, elevou gastos correntes, subsídios e incentivos. Não precisou, pois, investir pesadamente na infraestrutura e reduzir a carga tributária, o que favoreceria a competitividade dos manufaturados brasileiros e estimularia exportações. Agora, corre com medidas emergenciais para melhorar a infraestrutura e com incentivos fiscais açodados. São os efeitos de uma política de curto prazo.

Opinião

'Amor ao tijolo' na China e no Brasil



RODRIGO ZEIDAN

Andando às margens do Rio Huangpu, em Xangai, China, o que se vê é uma cena futurista de arranha-céus e edificações. Porém, ninguém imagina que metade desses apartamentos esteja vazia. Eles são comprados por investidores e especuladores e mantidos desocupados. Na China, estima-se que haja de 16 milhões a 65 milhões de imóveis residenciais vazios. Cerca de 50% dos apartamentos em Xangai e 60% em Pequim estão nessa situação, enquanto há uma crônica falta de imóveis para dezenas de milhões de trabalhadores de baixa renda.

Não há tecnicamente uma bolha imobiliária na China ou no Brasil. Mas é inegável: o rápido desenvolvimento dos últimos anos alterou a dinâmica do mercado imobiliário desses países.

A relação das pessoas com o imóvel é semelhante nos dois países. Há um "amor ao tijolo", ou seja, o desejo de adquirir imóveis para compor o patrimônio familiar. Para explicar isso, basta um olhar pela História. As crises sucessivas nessas países revelaram que poucos ativos mantiveram seu valor, à exceção dos imóveis.

Na China, os imóveis vazios resul-

taram de três fatores: a inexistência de impostos sobre propriedade, como o nosso IPTU; o baixo valor do aluguel; e a preferência por imóveis nunca habitados. Grande parte dos compradores chineses não gosta de imóveis já usados. Um apartamento "intacto" tem um prêmio de 50% ou mais. Além disso, não existem muitos custos de manutenção para manter o imóvel desocupado. Lá não há condomínio ou IPTU, por exemplo.

E os custos de compra e venda dos imóveis são baixos, assim como as rendas provenientes do aluguel. Só mandando tudo, é melhor deixar o apartamento vazio. E lucrar na venda.

Segundo dados do Global Property Guide, os custos das transações imobiliárias no Brasil chegam a 11,5% do valor do imóvel e a renda de aluguel, a 5,71% do valor do imóvel ao ano. Na China, esses valores são de meros 5,26% e 2,66%.

No Brasil, os mercados financeiros são mais sofisticados que os da China e as alternativas de investimento, mais variadas. Ainda assim, a poupança familiar continua voltada para a compra de imóveis para moradia e também como parte estratégica do patrimônio familiar. Aqui não existem imóveis vazios, em razão dos elevados custos de transação e manutenção. Por outro lado, o crescimento da demanda imobiliária – resultado da fascinação dos brasileiros com a casa própria, do crescimento econômico, do aumento de crédito e da diminuição das taxas de juros

– levou à valorização estratosférica dos imóveis. O metro quadrado no Rio de Janeiro e em São Paulo se equilibra, e até supera, em muitos casos, ao de Nova York e de Londres.

Tanto no Brasil quanto na China existe a preocupação com o impacto de uma crise imobiliária sobre o resto da economia. Segundo a consultoria GK Dragonomics, a construção civil residencial representa, sozinha, 6% do crescente Produto Interno Bruto (PIB) chinês – mesmo percentual do Brasil, mas considerando-se aqui o setor da construção civil como um todo.

Nos dois mercados, vários agentes esperam por uma crise ou, pelo menos, uma forte correção de preços dos imóveis. Não há bolha imobiliária nesses países, como houve no Japão nos anos 90 ou nos Estados Unidos em 2007/2008, porém uma desvalorização imobiliária pode afetar consideravelmente as economias brasileira e chinesa. Em ambos os países os imóveis urbanos são escassos – na China estão vazios e no Brasil, caros demais. Não há perspectiva de mudança de tendência no curto prazo, mas o desenvolvimento de ambos os países depende do fortalecimento do mercado imobiliário para abrigar uma crescente e exigente população urbana.

*
É PROFESSOR DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO DOM CABRAL E DA NOTTINGHAM UNIVERSITY BUSINESS SCHOOL CHINA

Panorama Econômico



JEROEN DIJSELBLOEM
PRESIDENTE DO EUROGRUPO

"Se for necessário mais tempo para fazer face a percalços econômicos, mais tempo será considerado."



LI KEQIANG
PRIMEIRO-MINISTRO DA CHINA

"A China precisa de crescimento anual de 7% para atingir sua meta de dobrar o PIB per capita até 2020."



JOERG ASMUSSEN
MEMBRO DO CONSELHO EXECUTIVO DO BCE

"Nossa política monetária permanecerá expansionista. Mas manter taxas baixas por muito tempo cria muitos riscos novos."

VENEZUELA

País aceita teto da Opep com petróleo a US\$ 100

A Venezuela vai apoiar a manutenção do teto de produção da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), mas pode concordar com uma redução se os membros acreditarem que ajudará a manter o preço de US\$ 100 por barril, na reunião do grupo esta semana. A informação é do ministro de Petróleo do país, Rafael Ramirez.

RÚSSIA

Russian Railways terá 25% de capital privado

Rússia pretende vender 5% da estatal Russian Railways até o fim de 2014 e mais 20% antes do fim de 2016, segundo um documento do Ministério de Economia. O documento, que detalha os planos de privatização até 2018, também afirma que a venda de 11% do segundo maior banco do país, o VTB, vai ocorrer em 2015.

"Toda conversa (com os empresários na Fiesp) foi em imaginar como melhorar a competitividade da indústria e fazer com que esse seja o caminho que vamos traçar daqui para frente."

Roberto Azevêdo
DIRETOR-GERAL DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO

GRÉCIA

Governo questiona venda de ilha por neta de Onassis

O governo grego está verificando se a venda da ilha de Skorpios, onde está enterrado o armador Aristóteles Onassis, para a filha do milionário russo Dmitri Rybolovlev é legal, e está de acordo com o testamento do falecido. A venda foi concluída em abril pela única herdeira do magnata, sua neta Athina Onassis, mas o Parlamento da



Grécia considera que a ilha deveria ter sido cedida ao Estado. Athina, de 28 anos, vive no Brasil, onde se casou com o cavaleiro Álvaro Affonso de Mirandola Neto, o Doda.

• Tendência de queda

O preço do etanol hidratado nos postos brasileiros caiu em 14 Estados, subiu em outros 12 e ficou estável apenas no Distrito Federal

2,55%

foi o recuo em São Paulo, principal Estado consumidor na semana encerrada em 25 de maio